

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº606
de 10 de fevereiro a
25 de fevereiro de 2021
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



QUEBRAR PATENTES PARA GARANTIR VACINAÇÃO EM MASSA **CONTRA** **A PANDEMIA, JÁ!** (páginas 8, 9 e 10)



MULHERES

**PSTU vai realizar
plenária nacional de
mulheres** **Página 13**

NACIONAL

**Combustíveis e gás aumentam,
enquanto Bolsonaro entrega
a Petrobras** **Página 7**

PANDEMIA

**Novo auxílio emergencial
do governo quer acabar com
direitos trabalhistas** **Página 5**



PDF INTERATIVO

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



“Pode ser que lá na frente falem: ‘a chance é zero, era um placebo.’ Tudo bem, paciência. Me desculpa. Tchau. Pelo menos não matei ninguém.”



Jair Bolsonaro, falando sobre a cloroquina durante live semanal pelas redes sociais.

ASSUNTOS ECONÔMICOS

Collor, o novo conselheiro de Bolsonaro

Bolsonaro tem agora um novo assessor para assuntos econômicos: o ex-presidente e atual senador Fernando Collor (PROS-AL). A revelação foi feita durante o lançamento do portal Participa + Brasil no dia 8 de fevereiro, no Palácio do Planalto. Bolsonaro revelou que Collor participou de uma reunião do Ministério da Economia para discutir a questão do aumento do preço dos combustíveis. No mesmo dia, a Petrobras anunciou um reajuste no preço dos combustíveis nas refinarias para as distribuidoras. E vai ser em dose tripla: gasolina, óleo diesel e gás de cozinha.



Qualquer dia desses, Collor vai aconselhar a repetir o confisco da poupança. Paulo Guedes pode até gostar!

Qualquer dia desses, Collor vai aconselhar a repetir o confisco da poupança. Paulo Guedes pode até gostar!

AMEAÇA

Petróleo em Fernando de Noronha

O governo Bolsonaro está oferecendo para a exploração de petróleo e gás numa área próxima ao parque nacional marinho de Fernando de Noronha. Trata-se da Baía Potiguar, no litoral do Ceará e do Rio Grande do Norte. A Agência Nacional de Petróleo (ANP) não realizou nenhum estudo de impacto ambiental nessas áreas conforme recomendação do Ibama. Conta, ainda, com o respaldo de uma manifestação conjunta dos ministérios de Minas e Energia e do Meio Ambiente, pasta comandada pelo criminoso Ricardo Salles. A exploração de petróleo na Baía Potiguar, com seus impactos sobre o parque marinho de Fernando de Noronha, também não tem



aprovação do ICMBio, responsável pela proteção do arquipélago. Aliás, Ricardo Salles vem tramando a extinção do ICMBio, órgão ambiental responsável pela gestão das unidades de conservação no país. Além de Fernando de Noronha, a Reserva Biológica do Atol das Rocas também corre

risco. O ICMBio considera que as atividades exploratórias, bem como um acidente, podem trazer danos irreparáveis à diversidade biológica desses ecossistemas, afetando a vida marinha, as populações de aves e as pessoas que vivem em Noronha.

EM BREVE

NOVOS LANÇAMENTOS

5 CADA VERSÃO DIGITAL PARA DOWNLOAD
WWW.EDITORASUNDERMANN.COM.BR



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opinio@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Bolsonaro sufoca o Brasil enquanto toma fôlego com o centrão no Congresso

Avançar a mobilização pelo “Fora Bolsonaro e Mourão!”

O ano começou com a popularidade de Bolsonaro despencando, trazendo de volta a pauta do impeachment e alavancando panelaços, carreatas e até ações presenciais. “Fora Bolsonaro e Mourão!” voltou para sacudir o equilíbrio instável que o governo tinha conseguido ao capitalizar o auxílio emergencial e ao emplacar sua narrativa contrária ao lockdown, ajudado pelas quarentenas fakes dos governadores.

O presidente genocida continuou sua pregação a favor da disseminação da pandemia promovendo aglomeração, fazendo questão de não usar máscara, desdenhando das vacinas e espalhando fake news. Mas a campanha antivacina não pegou como ele queria. Por um lado, banqueiros e grandes empresários, que pouco se importam se as pessoas morrem e pressionam contra o lockdown para a economia não parar, querem acumular capital e passaram a defender a vacinação.

Já a população, os trabalhadores, os desempregados, a juventude e os pequenos empresários também querem vacina. Porém o governo está muito atrasado, após ter distribuído cloroquina e permitido tragédias como a de Manaus. Diante do descalabro geral e vendo a derrota de Trump nos Estados Unidos, um setor da própria classe dominante passou a considerar a possibilidade de impeachment.

Já o governo, sem dó e nem piedade, primeiro cortou pela metade e depois terminou de vez com qualquer auxílio emergencial, jogando milhões na miséria. Como se não bastasse, uma empresa enorme como a Ford fechou as portas no Brasil após 100 anos de subsídios e mamatas, jogando 5 mil trabalhadores na rua. Tudo isso em meio a uma enorme carestia de vida.

O início da vacinação, por obra do Instituto Butantan, apesar e contra Bolsonaro e Pazuello, abriu uma janela de esperança para a população, e a indignação contra Bolsonaro cresceu.

NOS BRAÇOS DO CENTRÃO

Ao eleger seus candidatos no Congresso, Bolsonaro impede por ora a tramitação de qualquer pedido de impeachment ou CPI contra seu governo. Foi, então, uma vitória política de Bolsonaro, mas principalmente dos deputados e dos partidos do centrão.

Não que o candidato de Rodrigo Maia, apoiado de forma vergonhosa pelo PT e pelo PCdoB e quase apoiado pelo PSOL, fosse botar para andar algum dos mais de 60 pedidos de impeachment que mofam na gaveta. Pelo contrário, Maia sequer foi capaz de instalar uma CPI para investigar a responsabilidade do governo sobre Manaus e a condução da pandemia. Nesse sentido, Bolsonaro é mais refém do centrão do que de Maia. De imediato, contudo, o governo ganhou um fôlego para seguir sufocando o Brasil.

Em especial, ganhou o apoio da maioria da burguesia contra um impeachment agora, apostando que o governo, com apoio do Congresso, vai entregar parte das suas exigências: parar de ser contra as vacinas e principalmente entregar reformas que continuem jogando a crise nas costas dos trabalhadores, do povo pobre e dos pequenos empresários. É por isso que Bolsonaro agora mente dizendo nunca ter sido contra as vacinas.

Ocorre que a dura realidade é que a vacinação está lenta demais e a pandemia completamente descontrolada. O país corre o risco de se tornar uma imensa Manaus e chegar rapidamente aos 300 mil mortos.



CAMPANHA PELO FORA BOLSONARO E MOURÃO PRECISA CRESCER E GANHAR AS RUAS

A campanha para botar pra Fora Bolsonaro e Mourão; por vacinação para todos já com a quebra das patentes; e pela volta do auxílio emergencial de R\$ 600; precisa crescer e se ampliar. Da mesma maneira, é necessário lutar contra a carestia, pela soberania do país contra a entrega da Petrobras, dos Correios, da Eletrobrás, do Banco do Brasil etc. Bolsonaro e esse governo militarizado e associado ao centrão estão arrebatando e acelerando de vez a entrega do Brasil, além de destruir a Amazônia e o meio ambiente.

Esse é o caminho para botar abaixo esse governo. Nesse sentido, a estratégia de jogar tudo para as eleições de 2022, priorizar a ação parlamentar e a aliança com a classe dominante e seus partidos para administrar o Estado ou

a defesa de “frente ampla” com setores burgueses para governar o Brasil de acordo com os interesses dos banqueiros e grandes empresários é um desastre duplo.

Esse caminho não joga a energia necessária na mobilização, para entrar num jogo de administração da ordem, favorecendo o governo a recuperar o fôlego. Quem defende frente ampla com programa nos limites do sistema de fato abre mão de mudar o Brasil para valer. Esse caminho já vimos, e o Brasil continua o mesmo país desigual de sempre, no qual a maioria do seu povo sequer tem acesso à moradia e ao saneamento.

UM PROJETO SOCIALISTA

Para garantir soberania alimentar, sanitária e econômica; para garantir vacina, emprego, salários decentes, auxílio emergencial, reforma agrária, defesa do meio ambiente, defesa dos indígenas e dos quilombolas;

pôr fim à violência contra mulheres, negros e LGBTs; impedir todo autoritarismo; e fazer com que os ricos paguem pela crise; devemos lutar por outra sociedade, na qual o objetivo não seja o lucro e a acumulação de capital por um punhado de bilionários, e sim emprego, salário, terra, teto, educação, saúde e soberania.

Para mudar o país de verdade, precisamos que os trabalhadores, a juventude e o povo pobre da cidade e do campo tomem nas suas mãos o nosso destino. Precisamos de um governo socialista dos trabalhadores, que governe em conselhos populares.

A hora é de fazer avançar a luta aqui embaixo. Unidade para lutar!

Nessa mobilização, vamos construir uma alternativa socialista e revolucionária.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3A7SHSL](https://bit.ly/3A7SHSL)

CRISE

Vitória de Bolsonaro no Congresso dá um fôlego ao governo, mas não resolve sua crise

É hora de manter e intensificar campanha pelo Fora Bolsonaro e Mourão e exigir vacinação para todos, auxílio emergencial e emprego



DA REDAÇÃO

Bolsonaro abriu os cofres, foi à feira e gastou com o centrão tudo o que não gastou com vacina. A vitória de seu candidato, Arthur Lira (PP-AL), à presidência da Câmara no início de fevereiro não saiu barata. Pelo menos R\$ 3 bilhões em emendas parlamentares extras foram prometidos à camarilha do centrão, além de cargos e ministérios importantes, como os da Educação e da Cidadania, que cuida do Bolsa Família, além do próprio Ministério da Saúde.

Esse acordo não envolveu só dinheiro. Outra pauta importante que uniu bolsonaristas e centrão: a garantia de impunidade a políticos igualmente enrolados na Justiça. Réu em dois

processos no Supremo Tribunal Federal (STF) por corrupção, Arthur Lira é investigado em inúmeros casos, inclusive por agressão à ex-mulher. O apoio de Bolsonaro ao centrão joga por terra o seu discurso de combate à corrupção, que já vinha se desmoralizando.

RESPIRO MOMENTÂNEO

As cenas da extravagante festa de comemoração da vitória de Lira, reunindo parlamentares e ministros bolsonaristas, e os do centrão, todos aglomerados e sem máscara, viralizaram nas redes sociais e representam bem a consolidação desse casamento. Mas quem tem motivos para sorrir mais é mesmo o centrão, esse leque de parlamentares de partidos mercenários que se vendem a quem estiver dis-

posto a pagar mais. Mais do que nunca, Bolsonaro está nas suas mãos.

Se por um lado a negociação para eleger o centrão contou com promessas como a de continuar emperrando os pedidos de impeachment e as CPIs no Congresso, por outro Bolsonaro terá mais dificuldades de entregar tudo o que prometeu. Como disse um analista político, o governo prometeu o mesmo terreno na Lua a mais de um deputado, e o centrão sabe cobrar.

E como ocorreu durante os estertores do governo Dilma, essa base pode segurar ou até atrasar a queda de um governo, mas quando veem que o barco está afundando, não hesitam em saltar. Nesse sentido, Lira, da escola de Eduardo Cunha, pode muito bem,



CORONAFEST - Depois da vitória, Arthur Lira promoveu uma festa para 300 convidados em plena na pandemia.

diante de uma crise política, refazer o que fez seu amigo no governo do PT. Algo que, contraditoriamente, um Maia

ou Baleia Rossi não fariam.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Q9DYVG](https://bit.ly/3Q9DYVG)

DEU RUIM

A implosão da “frente amplíssima”

VERGONHA

No Senado, PT junto com Bolsonaro

A eleição do novo líder do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), contou com o apoio do então presidente da Casa, Davi Alcolumbre (DEM-AP). Primeiro, Alcolumbre pediu e recebeu as bênçãos de Bolsonaro. Depois, fechou com o PSD e o PT, mostrando que o discurso da “luta contra o fascismo” dura até o início da distribuição de cargos e o compromisso de impunidade geral para corruptos.

A fragorosa derrota do candidato de Rodrigo Maia (DEM-RJ), Baleia Rossi (MDB-SP), causou abalos na chamada centro-direita. Maia foi rifaado pela direção do próprio partido, e por pouco o PSDB também não se retira do bloco. Diante da traição de seu partido, o então presidente da Câmara até ensaiou a ameaça da abertura de um dos processos de impeachment contra Bolsonaro, mas acabou segurando até o último segundo num ato extremo de covardia.

Quem se desmoralizou junto com Maia foram os setores da esquerda parlamentar que se aliaram à “frente ampla” (com DEM, MDB e PSDB), como o PCdoB, o PT e setores do PSOL, mais especificamente

Marcelo Freixo e MÊS, com a justificativa de que Baleia Rossi e Maia representavam uma oposição democrática contra o bolsonarismo e o seu projeto de ditadura. Ainda que, aos 45 do segundo tempo, o PSOL tenha lançado a candidatura de Erundina, o debate público seguiu.

Além do oportunismo da esquerda parlamentar, a realidade mostrou que, embora Rodrigo Maia e essa centro-direita (DEM, PSDB ou MDB) representem setores da burguesia que não são exatamente alinhados ao projeto de ditadura de Bolsonaro, estão comprometidos até a raiz em passar o pano para o atual governo e garantir a pauta econômica de Guedes, da qual são 100% garantidores.

CAMINHO



Só a luta pode botar abaixo Bolsonaro e seu projeto genocida

As eleições do Congresso mostraram que a saída para derrotar Bolsonaro não está em acordos com a burguesia no parlamento ou nas eleições, mas na luta. A aprovação do presidente genocida continua caindo, os painéis voltaram, as carreatas tomaram o país em dois finais de semana. Também aconteceram algumas manifestações presenciais e greves.

É fundamental fortalecer e fazer avançar essa mobilização, montar comitês de luta contra o governo nas periferias, unindo a juventude, os trabalhadores e o povo pobre; unificar as lutas dos trabalhadores, do povo pobre e setores oprimidos pelo Fora Bolsonaro e Mourão, por vacina já para todos, pela volta do auxílio emergencial e em defesa dos empregos.

AUXÍLIO EMERGENCIAL

Chantagem do governo quer impor arremedo de auxílio em troca de reforma trabalhista



DA REDAÇÃO

No momento em que fechávamos esta edição, o governo Bolsonaro preparava uma proposta de arremedo de auxílio emergencial que demonstra bem o seu caráter genocida. Pressionado pelo rápido aprofundamento da crise e pela queda da sua popularidade, o governo não só não está disposto a trazer de volta o auxílio, como pretende usar esta situação como chantagem para passar a boiada nos direitos trabalhistas.

Esse é o sentido da proposta preparada no gabinete de Paulo Guedes, um auxílio de R\$ 200 para trabalhadores informais com

a condição da aprovação da carteira verde e amarela, uma minirreforma trabalhista. Ela chegou a ser implementada no ano passado com a Medida Provisória 905, mas acabou caducando na Câmara. Agora, o governo retoma a ideia com a chantagem do benefício, renomeado de Bônus de Inclusão Produtiva (BIP).

A ideia divulgada pelo governo é que o novo auxílio atinja 32 milhões de pessoas, menos da metade das 67 milhões que receberam o auxílio emergencial em 2020. O valor é um terço do auxílio: R\$ 200, exatamente o que o governo queria pagar lá atrás, e somente três parcelas. Os R\$ 600 já eram extremamente insuficientes, hoje

não dando para comprar sequer uma cesta básica. Ou seja, o valor por si só já é irrisório.

Se o auxílio emergencial não volta, a carteira verde e amarela sim. Contrapartida desse arremedo de benefício, a medida impõe uma modalidade precarizada de contratação, com menos direitos que a CLT, como 13º e férias, ao mesmo tempo que amplia isenções aos empresários.

Enquanto isso, a maior parte das 47 milhões de pessoas que deixaram de receber o auxílio e não fazem parte do Bolsa Família está simplesmente sem qualquer tipo de renda.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2LK2KNG](https://bit.ly/2LK2KNG)

O QUE VAI MUDAR



Auxílio emergencial

Beneficiados: **67 milhões**Valor: **R\$ 600** (R\$ 1.200 para mulheres que chefiam famílias)Custo: **R\$ 50 bilhões mensais**

Bônus de Inclusão Produtiva

Beneficiados: **32 milhões**Valor: **R\$ 200**Custo: **R\$ 6 bilhões mensais**Contrapartidas: **Carteira verde e amarela e ajuste fiscal**

MALANDRAGEM

Outra chantagem de Guedes: o fim dos gastos obrigatórios

Guedes quer condicionar o benefício também à aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) emergencial, com gatilhos de ajuste fiscal para compensar esses novos gastos. O dinheiro gasto com o tal do BIP seria ressarcido cortando de outras áreas,

mantendo o teto dos gastos e a prioridade do pagamento da falsa dívida aos banqueiros.

A princípio, segundo reportagem da Folha de S.Paulo, o mecanismo traria medidas como antecipação do abono salarial e do 13º dos aposentados. Mas isso abre caminho

para a completa desindexação do Orçamento e para o fim dos gastos obrigatórios, como em Saúde e Educação. “Você aperta o botão da calamidade pública e podemos atender algumas coisas, travando outras”, afirmou Guedes à imprensa.



CARESTIA

Cesta básica é mais da metade do salário mínimo

No ano passado, os alimentos subiram 15,5%. Isso é produto não da pandemia, mas do aumento dos preços das commodities, os produtos primários cotados em dólar no mercado internacional e o consequente aumento das exportações.

Assim, mesmo o Brasil sendo o segundo maior produtor de alimentos do mundo, fica mais vantajoso mandar para fora do que alimentar a população.

Em janeiro, segundo levantamento do Dieese, a cesta básica

comprometeu mais da metade do salário mínimo. Em São Paulo, ficou em R\$ 654. Salário mínimo que, aliás, foi reajustado abaixo da inflação dos mais pobres. O salário mínimo necessário calculado pelo Dieese é de cinco vezes esse valor: R\$ 5.495.

PRA NÃO MORRER DE FOME

Auxílio emergencial já!

O governo insiste em dizer que está quebrado para negar a volta do auxílio. Mas isso é mentira, existem recursos mais do que suficientes para garantir o retorno do benefício de R\$ 600 para todos os que precisam, basta tirar dos banqueiros e dos super-ricos, e não dos pobres como quer o governo para dar o arremedo de auxílio.

Um imposto emergencial sobre a fortuna dos 43 bilionários que existem hoje no país arrecadaria algo em torno de R\$ 325 bilhões, mais do que o valor gasto no ano passado com o benefício. Além disso, é preciso acabar com o teto dos gastos e a Lei de Responsabilidade Fiscal, que colocam como prioridade o pagamento da falsa dívida aos banqueiros, que aliás deveria ser suspensão, assim como proibir a remessa de lucros.

No mesmo sentido, é preciso garantir a soberania do país, tanto em relação à pandemia, quebrando as patentes para garantir vacinas, quanto em relação à própria alimentação da população, nacionalizando o agronegócio. E garantir emprego e renda, impedindo as privatizações, reestatizando as empresas que foram vendidas, sob o controle dos trabalhadores, assim como bancos e grandes empresas que fecharem ou demitirem, como a Ford e a Embraer.

COMIDA CARA

Preço dos alimentos dispararam em 2020

Óleo de soja	104%
Feijão	81,4%
Arroz	75,3%

ENTREGUISMO

Privatização dos Correios: mais da metade da população é contra

ROBERTO AGUIAR, DE SALVADOR (BA)

Para eleger seus candidatos à presidência da Câmara dos Deputados e do Senado, Bolsonaro liberou emendas parlamentares e negociou cargos e reabertura de ministérios. Em seguida, apresentou uma lista de projetos prioritários do governo com ênfase nas privatizações de estatais como Eletrobrás, Petrobras e Correios.

A equipe econômica ultraliberal capitaneada por Paulo Gue-

des tem pressa. Quer aproveitar a pandemia para passar a “boiada das privatizações”.

“Esse governo genocida quer entregar os Correios às multinacionais. Até agora os trabalhadores dos Correios e a população têm sido contra, já que é uma empresa lucrativa que cumpre um importante papel social em nosso país. Por isso, eles realizam uma campanha mentirosa, dizendo que a estatal é deficitária. Precisamos lutar em defesa dos Correios e de todas as empresas estatais”, defende Alexandre Nu-

nes, secretário geral do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios do Rio Grande do Sul (Sintect-RS).

Um levantamento feito pelo instituto Paraná Pesquisas mostra que mais da metade da população brasileira (50,3%) é contrária à privatização dos Correios. No Nordeste, esse percentual atinge 55,2% da população da região. A pesquisa mostra que em todas as regiões brasileiras a venda da estatal é rejeitada.

O governo diz que os serviços dos Correios são ruins, sem qualidade. Essa é uma tática usa-



Greve dos Correios em 2020

da há anos para justificar as privatizações. A realidade é maior que as mentiras do governo. A população é contra a privatização porque reconhece o serviço

de qualidade e o papel social desenvolvido pela estatal.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QBSD7T](https://bit.ly/3QBSD7T)

CONFIRA

VERDADE x MENTIRA sobre os Correios

Veja as principais mentiras ditas por Bolsonaro.



“CORREIOS ENTREGA REMÉDIOS E VACINAS.”

VERDADE! Além do serviço postal, os Correios servem como banco postal. A estatal é fundamental na entrega de remédios e vacinas, como tem sido agora contra a COVID-19. A prova do Enem não é realizada sem a ajuda dos Correios e sua logística de entrega. Os livros do programa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) chegam às escolas de todo o país pelos Correios, que também garantem a entrega das urnas nas eleições e realizam pagamento das aposentadorias onde não tem sistema bancário. A estatal exporta e importa, leva informação, emite documentos, entre outros. Independentemente do

fato de esses serviços gerem lucro, são feitos porque se trata de uma empresa pública. Uma multinacional que só pensa no lucro vai manter esses serviços sociais?



“CORREIOS É UMA ESTATAL DEFICITÁRIA.”

MENTIRA! Os Correios geram lucro e nem sequer dependem de dinheiro público. Em 2017, a estatal lucrou R\$ 667 milhões; em 2018, foram R\$ 161 milhões; em 2019 foram R\$ 102 milhões. Devido ao aumento de entregas de encomendas com a pandemia, a previsão é que o lucro de 2020 seja bilionário. A parcial de janeiro a setembro apontou lucro de R\$ 836,5 milhões.



“HÁ UM MONOPÓLIO NOS SERVIÇOS DOS CORREIOS.”

MENTIRA! O monopólio dos Correios se limita apenas ao serviço de cartas. Isso é constitucional, pois é a garantia do direito ao serviço postal de todos os brasileiros. Já no serviço de encomendas, como Sedex e PAC, empresas privadas também atuam. Mesmo nessa área, a estatal apresenta bons resultados (52% de sua receita).



“CORREIOS TÊM PROBLEMAS DE LOGÍSTICA.”

MENTIRA! A empresa é a única estatal brasileira presente em todos os municípios do país, garantindo serviço à população, sendo a agência lucrativa ou não. Com a privatização, esse caráter social desaparecerá, já que os grupos privados têm interesses apenas em agências que abrangem capitais ou grandes municípios, que apresentam serviços superavitários, deixando de lado as agências localizadas em cidades nas quais a atividade não é lucrativa, localidades que são atendidas de forma exclusiva pelos Correios e sem aporte de recursos da União.

CAMPANHA

Defender os Correios 100% público, estatal e sob controle dos trabalhadores

As multinacionais estão de olho nos Correios porque querem abocanhar o serviço de entrega de encomendas. No ano passado, do total de receitas da estatal, 22,1% vieram de serviços de Sedex e 21,3%, do PAC.

“A única preocupação deles é com lucro. É como faturar com

serviço de encomendas que vem ampliando o mercado, com o desenvolvimento do comércio digital. A missão dos Correios de atuar em todos os municípios do país, garantindo uma integração nacional, além das funções sociais e humanitárias, serão descartadas em nome do lucro. Isso

nós não podemos deixar acontecer”, afirma Raquel de Paula, vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios do Vale do Paraíba (Sintect-VP).

Para Geraldo Rodrigues, o Geraldinho, da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios (Fentect), é preciso realizar uma

forte campanha em defesa da estatal. “Temos que ganhar a população pra essa luta, já que a maioria é contra a privatização. A venda da estatal vai acabar com os serviços prestados pela empresa no país e vai encarecer muito a entrega de encomendas. Também abre o caminho para a privatiza-

ção das demais estatais”, ressalta.

“Os Correios devem ser 100% público e estatal, mantendo sua missão social, sob o controle dos trabalhadores, que sabem como funciona a empresa e podem administrá-la de acordo com as necessidades do povo”, finaliza Geraldinho.

ASSIM NÃO DÁ!

Combustíveis aumentam de novo, enquanto avança rapina da Petrobras


**ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)**

Fevereiro chegou e trouxe com ele o terceiro reajuste no preço da gasolina e o segundo aumento no preço do diesel e do gás de cozinha praticado pelo governo Bolsonaro este ano. O governo decidiu manter a política de preços, que tem como referência os preços de paridade de importação, acompanhando as variações do valor dos produtos no mercado internacional, e da taxa de câmbio do dólar.

Como o câmbio do dólar vem subindo, o preço da gasolina, do diesel e do gás de cozinha só aumenta. Essa situação poderia ser diferente, mas Bolsonaro optou

por aplicar uma política que favorece às multinacionais. Além de atrelar o preço do combustível ao dólar, quer privatizar as refinarias da Petrobras, que são capazes de processar a maior parte dos combustíveis usados em nosso país; o que, por consequência, poderia garantir preços mais baixos para o consumidor.

VENDA DA PETROBRAS

Bolsonaro e sua equipe econômica privatista estão entregando a Petrobras às multinacionais. No dia 8 de fevereiro, a estatal emitiu um comunicado ao mercado financeiro anunciando a venda da Refinaria Landulpho Alves-Mataripe (RLAM), localizada na Bahia. O fundo sobera-

no de investimento dos Emirados Árabes, Mubadala Capital, agora será o dono da segunda maior refinaria do país, que foi entregue a US\$ 1,65 bilhão. De acordo com o Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Ineepp), esse valor é menos da metade do projetado só para a refinaria. No mesmo pacote, foram entregues os terminais de Madre de Deus, Itabuna, Jequié e Candeias e quase 700 quilômetros de oleodutos.

Isso é um crime, pois o grosso das vendas e dos lucros da Petrobras se origina no refino e na comercialização dos combustíveis. São justamente as áreas que estão sendo vendidas para as multinacionais.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3710GIE](https://bit.ly/3710gie)

O objetivo do governo é transformar a Petrobrás, que é uma empresa integrada do poço ao posto e domina todo o circuito produtivo do petróleo, numa empresa exportadora de óleo cru e importadora de deriva-

dos. O plano é vender cerca de 70% de toda riqueza do pré-sal brasileiro, oito refinarias, todos os campos de petróleo de terra e águas rasas, além de abandonar o Norte-Nordeste, o que já vem acontecendo.

TRABALHADOR PAGA A CONTA

Preço do gás de cozinha dispara e vira artigo de luxo

O consumo do gás de cozinha aumentou durante a pandemia do coronavírus. Neste período, o preço não para de subir. O novo reajuste de 5,1% se dá um mês depois do reajuste de 6%, que aconteceu logo na primeira semana de janeiro de 2021.

A justificativa é a mesma: instabilidade do mercado internacional de petróleo. Por causa desse cenário de variação, doze aumentos já ocorreram desde maio do ano passado. Alguns com intervalo inferior a trinta dias.

Quem paga a conta dessa política desastrosa de Bolso-

naro é o trabalhador. Na Paraíba, quem estava comprando à vista por R\$ 85 agora vai pagar R\$ 90 pelo produto. Na compra a prazo, o preço final deverá variar entre R\$ 92 e R\$ 95. Em Mato Grosso, o botijão já é vendido a até R\$ 105. Em São Paulo, o preço chega a mais de R\$ 90.

No primeiro ano do governo, Paulo Guedes, mentia de forma descarada ao dizer que o preço do botijão de gás cairia pela metade. Em junho de 2019, quando fez uma das declarações, o valor médio do botijão chegava a R\$ 69,24 segundo dados da Agência Na-



cional de Petróleo (ANP). Metade daria cerca de R\$ 35. Mas

como estamos vendo, a realidade é outra.

A política de Bolsonaro de atrelar o reajuste do preço do gás de cozinha ao dólar tem transformado um item básico em artigo de luxo. Segundo a Associação Brasileira dos Revendedores de GLP, a tendência é que o preço do botijão atinja de R\$ 150 a R\$ 200 este ano.

Quem sofre com isso é o povo pobre, o trabalhador assalariado, que já sente o aumento dos preços dos produtos básicos da cesta básica, como o arroz e o feijão, que padece com o aumento do desemprego, a precarização do trabalho e a redução da renda familiar, com o fim do auxílio emergencial.

SAÍDA

Defender a Petrobras 100% estatal

A luta contra o aumento do preço do gás de cozinha e dos combustíveis tem de ser acompanhada pela defesa da Petrobras 100% pública e estatal, controlada pelos trabalhadores. Só assim teremos uma empresa que vai atender às necessidades

da população brasileira e não os interesses do mercado capitalista e das multinacionais parasitas que sugam e roubam nossas riquezas.

A Petrobras é uma empresa de grande importância para nosso país. Sozinha, ela é responsável por 6,5% do Produto

Interno Bruto (PIB) brasileiro e todo o ramo do petróleo chega a 13% de toda a riqueza criada no Brasil.

É preciso derrotar este governo e sua política privatista.

Em defesa da Petrobras 100% estatal e pública, sob o controle dos trabalhadores!



PANDEMIA

Para garantir Vacina para todos é preciso botar pra fora Bolsonaro, Mourão e Pazuello!



DA REDAÇÃO

O Brasil caminha rapidamente para superar 240 mil mortes na pandemia. Enquanto isso, o programa de vacinação do governo anda a passo de tartaruga e pode ser ameaçado. A esperança de uma vacinação rápida que garanta imunidade à população se desvai diante da política assassina de Bolsonaro, um fervoroso militante a favor do vírus e da morte. Numa live no dia 30, Bolsonaro falou do “trabalho excepcional do Pazuello” e disse que ele “é um tremendo de um gestor”. Sobre a tragédia em Manaus, proclamou: “não é competência nossa e nem atribuição levar o oxigênio pra lá.”

Tentando evitar um impeachment, agora Bolsonaro diz que só foi contra o lockdown e a destruição de empregos. No entanto, mesmo usando novo figurino, ele não consegue apagar o rastro de morte nem esconder o negacionista que mora dentro de si.

A política genocida de Bolsonaro e Pazuello fez do país um dos países mais mortíferos da pandemia. O Instituto Lowy, da Austrália, listou o Brasil como o país que teve o pior enfrentamento à pandemia

entre 98 países analisados. Outro estudo mostra que o risco de um brasileiro ter morrido de COVID-19 em 2020 foi quase quatro vezes maior do que no resto do mundo.

A tragédia em Manaus (AM) fez soar o alerta. Ao não se garantir o isolamento social com um programa efetivo de auxílio emergencial para os trabalhadores e pequenos comerciantes; ao empurrar os trabalhadores para o abate, obrigando-os a “encarar o vírus”, como diz o presidente; ao negar a gravidade da pandemia e dar de ombros para as milhares de mortes (“todo mundo vai morrer um dia”, disse ele); ao empurrar medicamentos superfaturados e sem eficácia; ou ao lançar dúvidas sobre a eficiência das vacinas, fomentando um movimento antivacina que não existia no Brasil; o vírus encontrou aqui um lugar propício ao seu desenvolvimento biológico.

Pelo menos 18 variantes do vírus Sars-CoV-2 foram identificados em Manaus. Uma dessas mutações pode tornar o vírus mais contagioso. Há ainda outra variante que pode dificultar a ação de anticorpos de quem teve a doença uma primeira vez. Essas mutações já estão circulando pelo Brasil e chegaram a outros países, como o Japão.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PD9WZF](https://bit.ly/3PD9WZF)

Bolsonaro sempre apostou na mentira da imunidade de rebanho. O problema é que essa imunidade não existe sem vacinação, e o genocida sabe disso. Ao seguir seu curso natural, qualquer vírus se modifica, e apenas uma vacinação em massa pode interromper tal curso. Essa realidade nos coloca diante de um futuro incerto diante das mutações de um vírus que já matou mais de dois milhões de pessoas no mundo.

POR QUE AS MUTAÇÕES SÃO PRECUPANTES?

A maior preocupação é que as mutações possam comprometer a eficácia das vacinas desen-

volvidas até agora. Cada vez que o vírus é transmitido, ele vai fazendo cópias de si, com alguma coisa diferente ou fora do lugar. Isso pode criar maior resistência do vírus a algumas vacinas. Por exemplo, mutações do vírus na África do Sul levaram o governo a suspender a vacina da Oxford-AstraZeneca, temendo a sua ineficácia, embora seja um estudo não conclusivo e pequeno.

De qualquer modo, quando ocorrem mutações, a saída é imunizar cada vez mais rápido a população com todas as vacinas disponíveis para evitar que o vírus se multiplique de forma indiscriminada. Com mais gente blindada pela vacina, o vírus consegue se

replicar em menor escala e, portanto, com menos chance de “se copiar” errado e gerar novas cepas. Além disso, é preciso restringir a circulação do vírus realizando uma quarentena de verdade.

Contudo, uma quarentena de fato e vacinação rápida e massiva estão longe da realidade brasileira. Além de vacinas insuficientes, Bolsonaro e os governadores militam contra o isolamento social. O presidente até milita a favor de aglomeração e contra o uso de máscaras. Por isso, é absolutamente criminosa a volta às aulas num momento que novas variantes do vírus começam a circular (ver página 11)

QUADRO DA VACINAÇÃO

Quantas e quais vacinas temos



QUANTAS DOSES

Até o dia 8 de fevereiro, o Programa Nacional de Imunização brasileiro conta com dois imunizantes autorizados de forma emergencial pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa): a vacina Oxford-AstraZeneca e a CoronaVac. No total, foram disponibilizadas em território nacional 10.900.120 de doses da vacina (83% são da CoronaVac), o que garante a vacinação de quase 6 milhões de pessoas.



QUANTOS FORAM VACINADOS

Em todo o território nacional, foi vacinada apenas 0,9% da população, em média 250 mil pessoas por dia, sendo que o Sistema Único de Saúde (SUS) tem a capacidade de vacinar 10 milhões de pessoas por dia.



QUANTAS VACINAS PRECISAMOS

Para erradicar o vírus, é preciso vacinar cerca de 70% da população, ou seja, mais de 160 milhões de pessoas, com duas doses dessas vacinas. Isso significa que precisamos de mais de 300 milhões de doses de vacina. Quanto mais rápido for a vacinação, menor será o risco de mutação do vírus, que pode desenvolver variantes mais mortais e resistentes às vacinas atuais em desenvolvimento.

CORDA BAMBA

Pandemia pode **implodir retomada da economia**



Para assegurar sua vitória no Congresso, Bolsonaro comprou os deputados do centrão com loteamento de cargos no governo e nas estatais. Prometeu R\$ 3 bilhões em verbas públicas. No entanto, o que parece ser uma

vitória pode converter-se rapidamente num problema para o governo caso a vacinação não avance (leia nas páginas 4 e 5).

O total descontrole da pandemia ameaça as expectativas de retomada da economia, projetada

em 3,5% para 2021, o que na prática significa quase estagnação em relação ao trimestre final de 2020. Soma-se a isso a inflação da comida, que foi de mais de 20% em 2020 e ainda será o dobro da inflação média em 2021.

Não por acaso, os líderes do centrão, como Arthur Lira, proclamaram que a principal tarefa do Congresso é a vacinação. Não porque eles estão preocupados com a saúde do povo. Aliás, Lira fez até uma festa com direito a aglomeração e propagação do vírus para comemorar sua eleição à presidência da Câmara dos Deputados. Na verdade, esta corja está defendendo a retomada da taxa de lucros da burguesia. Por isso querem acelerar a compra de vacinas.

Nesse sentido, o Congresso aprovou uma Medida Provisória (MP) para acelerar o uso emergencial de vacinas em até cinco dias caso tenham sido validados por autoridades internacionais. A intenção é pressionar a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para afrouxar as exigências na aprovação do

uso emergencial de vacinas contra a COVID-19. Parlamentares da base do governo vêm constrengendo técnicos da agência, defendendo principalmente a liberação da vacina russa Sputnik V, que tem 10 milhões de doses previstas para o Brasil. No entanto, a nova regra coloca em risco a avaliação técnica das vacinas.

A liberação da Sputnik V a toque de caixa revela o desespero do governo. Segundo uma pesquisa da Edelman, 76% dos brasileiros querem se vacinar, o que coloca a imensa maioria da população contra a política genocida de Bolsonaro.

O governo é totalmente responsável por essa situação. Mesmo com todo o sucateamento, se não fosse o Instituto Butantan e a Fiocruz, nem essa vacinação insuficiente teria começado.

DEPENDÊNCIA É MORTE!

Desindustrialização do Brasil **cria dependência de insumos**

A insuficiência de vacinas escancara a enorme dependência da economia capitalista brasileira, submetida ao processo de intensa recolonização e desindustrialização da economia nas últimas décadas. Uma prova disso é que o setor de insumos necessários à produção de vacinas e medicamentos foi detonado nos últimos 40 anos. Segundo a Associação Brasileira de Insumos, em 1980, a indústria produzia 55% dos insumos. Hoje, supre apenas 5% das necessidades do país.

O Brasil é totalmente dependente da China e da Índia na fabricação de insumos. O Instituto Butantan tem capacidade e poderia fabricar um milhão de doses por dia, mas a produção está parada porque depende do Insumo Farmacêutico Ativo (IFA) feito

pelo laboratório chinês Sinovac.

Além disso, em 2018, o governo de Michel Temer fechou a central nacional responsável pela logística de distribuição de vacinas. Assim, terceirizou o serviço e passou a contratar uma empresa privada para fazer a distribuição, a VTCLLog, do grupo Voetur.

Essa companhia recebe, armazena e controla a distribuição dos insumos do Ministério da Saúde, incluindo os da COVID-19. O valor do contrato com a VTCLLog é de R\$ 97 milhões anuais e vai de 2019 até 2023. O resultado da terceirização é a imensa desorganização, bastante noticiada pela imprensa, da distribuição das poucas doses de vacinas que recebemos até agora.

O atraso na produção e a distribuição desigual das vacinas também significa que a COVID-19 poderá continuar circulando durante anos, especialmente em regiões mais pobres do país.

O Brasil poderia ser um importante fabricante de insumos, inclusive um desenvolvedor deles. No passado, desenvolvemos a vacina contra a febre amarela. Seria possível imunizar a população em três ou quatro meses e ainda ajudar a imunizar o mundo. Mas a desindustrialização e a falta de financiamento para a pesquisa científica (que recebe menos que as compras de leite condensado e chiclete do Palácio do Planalto) implodiram a nossa soberania sanitária. Por isso o país é refém das grandes farmacêuticas, que têm Bolsonaro como grande aliado.



Em outubro de 2020, em reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), o governo brasileiro se posicionou contra a quebra de patentes de medicamentos e vacinas contra a COVID-19, comportando-se como

um lambe-botas do imperialismo. Em 18 janeiro, enquanto o sistema de saúde em Manaus entrava em colapso, uma nova discussão ocorreu na OMS, e o Brasil se absteve, não votando a favor da quebra de patentes.

CAPITALISMO

Monopólio farmacêutico impede produção em massa das vacinas

A eleição para os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, que será no dia 1º de fevereiro, abriu uma polêmica entre os partidos de esquerda, em particular no PT e na bancada do PSOL. A discussão se deu sobre a decisão de apoiar a candidatura de Baleia Rossi (MDB), apoiado por PSDB, PDT, PSB e PCdoB, opositor do candidato de Bolsonaro, deputado Arthur Lira, da coligação PP, PSD, PL, Republicanos e outros. A proposta foi aprovada pela bancada do PT por uma diferença de apenas quatro votos (27 a 23), contra os que defendiam uma candidatura própria do partido.

A pandemia também escancara a sede mortal de lucro dos capitalistas. O direito de propriedade intelectual é uma estratégia dos grandes laboratórios que defendem sua patente para impedir que outros fabriquem e vendam a vacina a preços mais baixos. Desde o início da pandemia, as corporações farmacêuticas mantêm o controle rígido sobre os direitos de propriedade intelectual, enquanto prosseguem com



acordos comerciais secretos e monopolistas visando ganhar muito dinheiro.

Os grandes laboratórios não revelam nem sequer o preço das doses de vacinas vendidas. Exigem contratos confidenciais com os governos e buscam dividir o mercado para poder negociar preços diferenciados com diferentes países. Também são sigilosas

as informações sobre produção e logística, e existem as chamadas cláusulas de responsabilidade. O objetivo é maximizar os lucros e procurar isentar-se de qualquer problema que possa ocorrer.

Estimativas indicam que, seguindo as taxas atuais de vacinação, apenas cerca de 10% do mundo será imunizado até o fim do ano, e 21% até

o fim de 2022. As patentes nas mãos dos grandes monopólios farmacêuticos impedem uma produção em massa das vacinas já disponíveis.

A capacidade produtiva de muitos países está paralisada, enquanto um punhado de bilionários enriquece à custa de mais mortes provocadas pelo vírus. A subprodução de vacinas é, neste momento,

uma condição para os monopólios aumentarem seus lucros. Mais à frente, haverá uma superprodução de vacinas em escala global. Mas até lá o vírus seguirá as leis da natureza desprezando as leis do capital, ameaçando transformar algumas das vacinas desenvolvidas em água com açúcar, por meio de novas mutações.

PROGRAMA

Vacina para todos já! Fora Bolsonaro, Mourão e Pazuello!

Bolsonaro é o maior militante a favor do vírus. Seu governo de morte é um obstáculo para a vacinação. Só a luta e a mobilização botarão abaixo esse governo miliciano. Tirá-lo de lá é condição fundamental para enfrentar a pandemia e salvar vidas. As condições para isso avançam, como mostraram sua queda nas pesquisas.



QUARENTENA PARA VALER!

O lockdown é uma necessidade para deter a circulação do vírus e de suas cepas mais virulentas. Para garantir uma quarentena para valer, é preciso auxílio emergencial de verdade para os trabalhadores e para os pequenos comerciantes ameaçados de falência. É preciso também proteger o emprego e proibir as demissões. Bolsonaro diz que não tem dinheiro, mas prometeu dar R\$ 3 bilhões ao centrão para vencer as eleições no Congresso.



QUEBRAR PATENTES E INVESTIR EM TECNOLOGIA

A saída para deter a pandemia e salvar vidas é enfrentar os monopólios e quebrar as patentes das vacinas, junto com investimento massivo em tecnologia para produzi-las em nosso país. Do contrário, corremos o risco de paralisar a vacinação, abrindo margem para novas cepas do vírus.



TIRAR DINHEIRO DOS RICOS

No Brasil, o capital estrangeiro controla 60% da nossa economia. A produção industrial nacional foi desmontada e o país se tornou mero exportador de commodities (petróleo, minérios, soja e milho), aumentando nossa dependência. É possível garantir emprego com salário digno e direitos, prorrogar e aumentar o auxílio emergencial e investir em ciência e tecnologia. Basta tirar o dinheiro de onde está concentrado: nas mãos dos bilionários, das multinacionais e dos banqueiros, e pôr fim ao domínio dos países imperialistas.

EDUCAÇÃO

Retorno às aulas é genocídio

Fortalecer as greves e mobilizações contra as aulas presenciais na pandemia

FLAVIA BISCHAIN,
DE SÃO PAULO (SP)

Alcool em gel vencido, falta de funcionários, salas de aulas abafadas. Essas foram as condições que os professores da rede estadual de São Paulo encontraram com a retomada das atividades presenciais em 29 de janeiro. Apesar do agravamento da pandemia no estado, que chegou a registrar uma morte a cada seis minutos, o governador João Doria (PSDB) e seu secretário da Educação, Rosieli Soares, afirmaram que a volta às aulas seria segura. “COVID se pega em casa”, alegou o secretário.

O resultado do retorno precipitado às escolas foi a contaminação de 147 professores

já nos primeiros dias de planejamento segundo a Apeesp (sindicato dos professores do estado), e esse número não para de crescer. Essa realidade também foi vista na rede privada. Em Campinas (SP), o Instituto Educacional Jaime Kratz teve 47 pessoas contaminadas em pouco mais de uma semana.

DESCONFIANÇA TEM FUNDAMENTO

Apesar da grande campanha dos governos e da imprensa pelo retorno às aulas presenciais, a desconfiança dos pais ainda é grande e a maioria não está enviando seus filhos à escola. A preocupação tem fundamento. A circulação da nova cepa do vírus tem feito países da Europa fecharem as

escolas novamente. Foi o caso de Portugal, Alemanha e Reino Unido. Na Bélgica, um em cada cinco contaminados é criança, e o ministro da Saúde reconheceu que as escolas podem estar sendo focos de contaminação.

No Brasil, as novas cepas também preocupam especialistas. Alguns estados já registram um aumento considerável na infecção de crianças e adolescentes. Em São Paulo, a infecção de pessoas de 10 a 19 anos representava 1% do total em março de 2020. Em janeiro deste ano, esse número subiu para 6,7% segundo dados do governo do estado levantados pela Globo News. Além das crianças, a preocupação é também com as famílias, com os trabalhadores da educação e com o agravamento da pan-



demia como um todo, já que reabrir as escolas vai significar um aumento da circulação de pessoas nos transportes públi-

cos, nas ruas e nos comércios.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/373BVEB](https://bit.ly/373BVEB)

EXEMPLO

Professores iniciam greve pela vida!



Diante da gravidade da situação, trabalhadores da educação de várias partes do país

têm lutado contra o retorno das aulas presenciais. Na rede municipal de Campina Gran-

de (PB), os trabalhadores entraram em greve exigindo melhores condições de trabalho e melhorias no ensino remoto, além da defesa da vacinação.

No Rio de Janeiro, trabalhadores do estado e do município também entraram em greve: “O Rio de Janeiro alcançou a marca de cidade com mais mortos pela COVID-19 no Brasil, e apesar disso os governos estadual e municipal querem reabrir as escolas. Por isso, estamos em greve pela

vida, na luta para manter as escolas fechadas até termos vacinação para todos”, declarou Sérgio Perdigão, professor das duas redes e da direção do Sepe-RJ (sindicato dos professores do estado).

Os professores da rede estadual de São Paulo deflagram greve sanitária a partir do dia 8, e as entidades sindicais do município de São Paulo também aprovaram a greve a partir do dia 10. Segundo o professor Lucas, do Reviravolta na Edu-

cação, “a categoria demanda das direções sindicais que realizem assembleias e comandos de greve virtuais, pois teme as manobras dessas direções”.

O sindicato dos professores da rede privada de Rio Preto (Sinpro), deliberou a greve no dia 9. “Reivindicamos o trabalho remoto de todos os profissionais da educação até que tenhamos segurança sanitária para voltar”, afirmou Letícia Banzatto, diretora do Sinpro.

UNIFICAR AS LUTAS DA EDUCAÇÃO!

Vacina para todos e aulas presenciais só quando houver condições

A greve sanitária da educação pode salvar vidas e deve ser unificada em nível nacional. No entanto, a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) não tem adotado medidas concretas para unificar as lutas e tem defendido a regulamentação dos protocolos para o retorno e para o ensino híbrido (combinação entre aulas presenciais e remotas), além

de defender a priorização da vacinação apenas para os trabalhadores da educação. Além de dividir a classe trabalhadora, essa política de vacinação para os trabalhadores da educação é completamente insuficiente, pois os pais dos alunos continuariam expostos.

Nossa luta precisa ser combinada com a defesa de melhorias nas condições para o

ensino remoto emergencial, que foi muito precário durante 2020, e a defesa do acesso à internet gratuita, aos equipamentos e suporte necessários aos estudantes e professores, além do apoio psicológico. É preciso também exigir dos governos a garantia do auxílio-alimentação para as famílias, a volta do auxílio emergencial e a proteção a crianças e mu-

lheres em caso de violência doméstica.

Para defender a vida da classe trabalhadora, é preciso unidade nacional na luta para que as aulas presenciais só sejam retomadas após a vacinação em massa e o controle da pandemia, e para pôr para fora o governo genocida de Bolsonaro e Mourão, inimigo da vida, dos trabalhadores, da ciência e da educação.



POLÊMICA

Eleições no Congresso: da vergonha ao desastre

BERNARDO CERDEIRA
DE SÃO PAULO (SP)

Na edição anterior do Opinião Socialista publicamos um artigo intitulado “Um papel vergonhoso”, sobre a posição dos partidos ditos de esquerda que apoiaram a candidatura do deputado Baleia Rossi (MDB-SP) na eleição do presidente da Câmara de Deputados. O processo e o resultado confirmaram, com sobras, a nossa opinião. A vergonha dessa esquerda de colaboração de classes foi

ainda maior do que se poderia prever.

O bloco que apoiou Ba-

leia Rossi sofreu uma derrota acachapante, humilhante mesmo. Arthur Lira (PP-AL),



PROMESSAS - Baleia Rossi (MDB), o candidato apoiado oficialmente pelo PT de Gleisi Hoffmann. No entanto, a boca pequena a conversa é de que muitos deputados do PT votaram em Arthur Lira, pois este prometeu enterrar a Lava Jato

candidato de 11 partidos do Centrão e apoiado por Bolsonaro, foi eleito no primeiro turno com 302 votos.

Baleia Rossi teve somente 145 votos. Considerando que os partidos ditos de esquerda (PT, PDT, PSB e PC do B), que o apoiaram, reunem cerca de 120 votos, isso significa que, mesmo com possíveis defecções, a suposta “direita democrática” só conseguiu agrupar poucas dezenas de votos.

Como era de se esperar, funcionou abertamente a compra de deputados por Bolsonaro, por

meio da liberação de emendas e verbas para suas “bases eleitorais”. Com essa ação, o governo e o Centrão arrastaram a maioria dos deputados do DEM, alguns do PSDB e do próprio MDB de Baleia.

Conclusão: Bolsonaro, Arthur Lira e o Centrão massacraram o bloco de Oposição. Isso teve consequências. Rodrigo Maia, o maior derrotado, rompeu com o DEM e começa a discutir a filiação a outro partido. O bloco de “centro-direita” se enfraqueceu.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2Z1LU6C](https://bit.ly/2Z1LU6C)

SEM OPOSIÇÃO

A derrota de uma política oportunista



PT DIVIDIDO - Sem apoio do PT, Marília Arraes é escolhida para Mesa da Câmara.

A eleição confirmou o que dizíamos. A política do PT e dos partidos que se dizem de esquerda enfraqueceu a luta contra Bolsonaro e mostrou que não

existe um verdadeira Oposição ao governo. Vejamos os fatos.

No Senado, o PT e esse partidos apoiaram Rodrigo Pacheco (DEM-MG), o candidato de

Bolsonaro para a presidência dessa Casa. Fortaleceram portanto o governo e nem sequer se colocaram como oposição.

Na Câmara de Deputados, apoiaram Baleia Rossi, corrupto de direita do MDB, apadrinhado de Michel Temer e Rodrigo Maia. Por sua vez, Maia, como ex-presidente da Câmara, engavetou mais de 60 pedidos de impeachment de Bolsonaro e articulou no Congresso as piores políticas liberais contra os trabalhadores, como as Reformas Trabalhistas, Lei das Terceirizações e Reforma da Previdência.

Aqui, o prejuízo da política oportunista é duplo. Por um lado, Rodrigo Maia e Baleia

Rossi nunca foram uma oposição real ao governo, estão apenas contra os seus “exageros” antidemocráticos. Ao tentar apresentá-los como oposição “democrática”, o PT confunde milhões de pessoas que o seguem. Ao mesmo tempo, enfraquece a formação de uma verdadeira Oposição ao governo Bolsonaro, que atualmente não existe, devido justamente à conciliação e paralisação dos partidos da chamada esquerda.

Mas, o prejuízo foi pior. Para sustentar de fato uma candidatura da direita liberal, que nem sequer era de oposição ao governo, o PT abriu mão de levantar uma candidatura que lutasse para for-

talear a mobilização pelo Fora Bolsonaro e Mourão; vacinação para todos; auxílio emergencial, defesa dos direitos dos trabalhadores e dos direitos democráticos, fim das privatizações, contra os ataques aos setores oprimidos como as mulheres, negros, LGBT's, indígenas, quilombolas e outras reivindicações urgentes.

Ou seja, colaborou para enfraquecer o movimento dos trabalhadores e dos setores populares que precisam de uma orientação clara sobre o que fazer nesse momento: isto é, como lutar contra o governo aonde ele pode ser combatido e derrotado: nas ruas, nas fábricas e locais de trabalho.

FRENTE AMPLA

Uma estratégia de colaboração de classes

Esse episódio das eleições para as presidências das duas casas do Congresso, confirma o que já dizíamos no artigo anterior, o PT e os partidos da dita “esquerda” só se preocupam com duas coisas:

Em primeiro lugar, com as eleições para presidente em 2022. Não estão preocupados e nem pretendem de fato, colocar para fora Bolsonaro e Mourão já. E, é

preciso acrescentar que para as próximas eleições presidenciais sua estratégia está definida: é constituir de novo uma Frente Ampla com setores da burguesia. Para isso, tentaram fortalecer a direita “democrática”, mas nessas eleições fracassaram e afundaram junto com ela.

Em segundo lugar, o PT em especial, só se preocupa em ocupar espaços dentro das institui-

ções burguesas, como os postos na mesa diretora da Câmara, e conquistar cargos parlamentares e executivos (prefeitos, governadores e a presidência). Mas, até desde esse ponto de vista, também fracassaram nesse episódio.

A outra cara da moeda dessas políticas, é o abandono pelo PT de maior preocupação em organizar a luta dos trabalha-

dores e dos setores populares. Seus parlamentares e dirigentes, não chamam à mobilização popular e não se referem à necessidade de organizar e fortalecer o movimentos sociais diante dos ataques da burguesia e seu governo.

A conclusão mais geral é que, essa colaboração do PT com a burguesia há muito tempo já se tornou uma defesa do



capitalismo, do Estado burguês e de suas instituições e não dos trabalhadores que ele pretende representar.

8 DE MARÇO

Plenária nacional de **mulheres do PSTU**

SECRETARIA NACIONAL DE
MULHERES DO PSTU

No dia 19 de fevereiro, o PSTU realizará uma Plenária Nacional de Mulheres, cujo objetivo é discutir a situação do Brasil e a luta das mulheres. A plenária será virtual e aberta para as militantes e simpatizantes do partido e para todas aquelas que quiserem debater conosco. Vamos conversar sobre o momento atual e a saída para enfrentarmos a crise e os ataques cada vez maiores aos nossos direitos e para pôr fim ao machismo e à desigualdade das mulheres.

O país vive um momento de grave crise sanitária, econômica e social, que une os efeitos da pandemia aos da crise econômica. O país é comandado por um governo genocida, cuja política já condenou quase 240 mil brasileiros à morte pela COVID-19. O desemprego e o fim do auxílio emergencial, somados ao aumento da carestia, têm lançado milhares na miséria. A incompetência e a má-fé do governo em prover vacinação em massa para a população têm gerado indignação popular.

MAIS VULNERÁVEIS

Ao mesmo tempo, estamos assistindo ataques cada vez maiores às mulheres e ao conjunto dos oprimidos pelo aumento do ódio e da violência,

mas também porque no interior da classe trabalhadora são os setores que sentem de forma mais contundente os efeitos da crise. O machismo naturalizado na sociedade e a falta de políticas de enfrentamento à violência deixaram mulheres e meninas vulneráveis durante a pandemia: a violência doméstica e os feminicídios explodiram, bem como os estupros e outras formas de violência contra mulheres e LGBTs.

As mulheres trabalhadoras, em especial as pretas e pobres da periferia, além do aumento da violência machista, amargam a sobrecarga do trabalho doméstico e as maiores taxas de desemprego e pobreza. Fomos as primeiras a perder nossos postos de trabalho e nada indica uma perspectiva de recolocação. As que estão na linha de frente (a maioria) enfrentam a falta de condições de trabalho e vacinas insuficientes para garantir nossa saúde e nossa vida.

Ainda temos de lidar com o peso do cuidado da casa, dos filhos e familiares doentes, sem apoio e garantias do Estado. Isso sem falar na violência institucional pela falta de direitos, como a restrição ao aborto, numa legislação utilizada como ferramenta de discriminação contra mulheres e de um judiciário que favorece agressores e estupradores.

É nessa perspectiva que estamos chamando a Plenária Na-

cional de Mulheres do PSTU. O processo eleitoral evidenciou a polarização em torno do tema das opressões e a necessidade de organizarmos as mulheres trabalhadoras e a jovens, com independência de classe, por meio de um programa que não se limite a defender empoderamento nos marcos do sistema, mas que aponte uma saída estratégica para acabar de forma definitiva com a opressão e a exploração capitalista.

LUTA INTERNACIONAL

No mundo todo, as mulheres têm se levantado contra o machismo e a violência e contra os ataques aos direitos. Na Polônia, mesmo em meio à pandemia, as mulheres foram obrigadas a sair às ruas para derrotar um projeto do governo que restringia ainda mais o direito ao aborto. Na Argentina, após anos de luta, as mulheres finalmente conquistaram a legalização do aborto. Nos levantes contra o racismo nos Estados Unidos a participação das mulheres foi expressiva, assim como tem sido na revolução chilena e nas lutas da classe trabalhadora e da juventude em outras partes do mundo.

Todos esses exemplos evidenciam que a luta das mulheres não está dissociada das lu-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Q8OTG1](https://bit.ly/3Q8OTG1)

Última grande manifestação realizada em SP antes da pandemia foi o 8 de março de 2020

SERVIÇO

PLENÁRIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU

Data: 19 de fevereiro

Horário: 18h30 (horário de Brasília)

Local: o link será disponibilizado pelo WhatsApp do Opinião Socialista (11 94101 1917)

tas da classe trabalhadora, e é cada vez mais urgente combinar a luta contra o machismo

e a opressão com a luta contra o sistema numa perspectiva socialista e revolucionária.

8 DE MARÇO

Mulheres trabalhadoras contra a violência, por vacina, auxílio emergencial e pelo Fora Bolsonaro e Mourão!



Estamos a um mês da realização do 8 de Março, e por todo o Brasil as reuniões de construção dos atos já estão ocorrendo. Além dos atos nas regiões, há uma articulação nacional envolvendo partidos, centrais sindicais, movimentos sociais e de mulheres para a construção de uma atividade unitária do 8M para dar um caráter nacional e visibilidade para a data.

Em meio ao agravamento da pandemia e da crise, é urgente reafirmar o 8M como um dia de lutas das mulheres trabalhadoras contra o machismo e a exploração. Neste ano, vamos botar o bloco na rua contra a violência, por vacina para todas e todos, pela garantia do auxílio emergencial até o fim da pandemia e, sobretudo, para botar pra fora esse governo genocida e machista de Bolsonaro e Mourão!

CHILE

Quais as mudanças que precisamos?

As discussões sobre a Assembleia Constituinte abrem um profundo debate sobre quais caminhos o Chile precisar tomar. Confira abaixo a opinião do Movimento de Esquerda dos Trabalhadores (MIT, na sigla em espanhol) que conseguiu registrar a candidatura de María Rivera para disputar a Constituinte.



MOVIMENTO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (MIT - CHILE)

Qualquer família trabalhadora sabe quais são os principais problemas do país. A maioria dos trabalhadores recebe baixos salários, tem pouquíssimos (ou nenhum) direito trabalhista. As aposentadorias de nossos idosos são miseráveis. Fazemos dívidas para pagar a educação de nossos filhos (ou eles se endividam). A saúde é precária e cara. Morremos na fila dos hospitais ou saímos endividados de qualquer tratamento ou cirurgia. A violência contra as mulheres aumenta a cada dia e não há políticas para combatê-la. Milhares de pessoas vivem amontoadas na casa de familiares ou pagando aluguéis abusivos. O povo mapuche é perseguido, reprimido e assassinado porque as empresas florestais querem tomar suas terras a todo custo.

O CHILE É UM PAÍS RICO

Ainda que o povo viva em péssimas condições, nosso país é muito rico. Nossos campos são férteis. Nossas montanhas e salares têm uma rica abundância de recursos naturais que servem para produzir uma infinidade de produtos necessários para os seres humanos. Nossos

mares possuem uma enorme diversidade natural (ainda que sejam cada vez mais depredados).

Como já discutimos antes, toda essa enorme riqueza que produzimos acaba nas mãos de alguns poucos, de algumas famílias chilenas e de capitalistas estrangeiros.

LUCROS DOS CAPITALISTAS

Nos primeiros nove meses de 2019, os Bancos com presença no Chile (chilenos e estrangeiros) tiveram lucro de US\$ 2,7 bilhões. No mesmo período de 2019, a mineração privada teve lucro de mais de US\$ 3 bilhões. Com esse dinheiro, poderíamos dobrar a contribuição do Estado aos municípios para a saúde e mais que dobrar o orçamento para a saúde básica durante todo um ano! Poderíamos dobrar o orçamento para a infância, dando uma vida digna a milhares de crianças abandonadas.

Com esse dinheiro, poderíamos aumentar em quase quinze vezes o orçamento para áreas relacionadas ao combate à desigualdade de gênero e violência contra a mulher. É preciso lembrar também um pequeno detalhe... quando falamos dos lucros da mineração privada,

devemos explicitar que a maioria das grandes mineradoras privadas são estrangeiras. Ou seja, um rio de dinheiro sai de nosso país todos os anos para o bolso de investidores que talvez nunca tenham pisado no Chile.

Qualquer mudança profunda só pode ocorrer se controlarmos essa riqueza acumulada nas mãos de alguns poucos. Para controlar essa riqueza, não basta simplesmente criar um imposto sobre as grandes fortunas, porque essas grandes fortunas continuarão crescendo. As grandes fortunas existem porque os ricos são donos das empresas que geram essa riqueza. Por isso, nossa luta mais estratégica tem de ser para recuperar as grandes empresas do país e colocá-las sob controle do povo trabalhador, para que haja uma verdadeira democracia e possamos decidir como usar essa enorme quantidade de recursos. Não há democracia possível se o povo não for o dono de seus recursos naturais e das empresas estratégicas do país.

Entretanto, nossos problemas não terminarão se recuperarmos as empresas. Grande parte da riqueza que é gerada hoje no Chile vem de uma superexploração dos recursos naturais. Isso acaba destruindo a natureza e dificultando as condições de vida da própria população – como acesso à água, contaminação nas “zonas de sacrifício” [1], contaminação do mar e rios, má qualidade do ar nos centros urbanos etc. Por isso, temos de re-discutir toda a lógica de produção.

UM PAÍS EXPORTADOR PRIMÁRIO

No sistema econômico mundial, o Chile ocupa um lugar periférico, ainda que produza matérias-primas muito importantes. Geramos produtos de



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3TMXWI4](https://bit.ly/3TMXWI4)

baixo valor agregado, mas com um alto custo ecológico e humano. Como todos sabemos, o cobre é a principal riqueza produzida por nosso país, e sua venda corresponde à metade das exportações. Além do cobre, somos um grande produtor de frutas, vinhos, pescados, celulose, produtos agropecuários e alguns produtos manufaturados. Para exportar, temos de destruir nossas colinas, nossos rios e mares e superexplorar o campo. Dessa forma, devemos importar tudo que precisamos.

A economia de nosso país não está orientada para solucionar os problemas e as carências de nossa população. Toda nossa indústria, tecnologia, ciência e mão de obra estão voltadas para produzir para o mercado externo, não importa o que aconteça no Chile. Por isso, temos de mudar a lógica.

NACIONALIZAÇÃO

Para começar a solucionar todos os problemas do país, precisamos controlar nossa economia. Isso significa estatizar, sob controle operário e popular, todas as empresas estratégicas do país – as grandes mineradoras, as empresas energéticas, as empresas de distribuição de combustíveis, as pesqueiras e empresas de alimentos, entre outras.

Além disso, precisamos acabar com a grande propriedade no campo. As grandes empresas agrícolas devem ser estatizadas e todas as suas propriedades ru-

rais colocadas à disposição do povo trabalhador e dos camponeses. O território mapuche deve ser devolvido aos mapuches que desejam trabalhar a terra.

Para elaborar um plano econômico que priorize a construção de moradias para a classe trabalhadora, acabar com a fome, garantir direitos trabalhistas e melhores salários; para combater a violência contra as mulheres, garantir investimentos em cultura e educação e melhorar as pensões e aposentadorias precisamos estatizar todos os bancos num só banco estatal controlado pela classe trabalhadora. Dessa forma, podemos planificar e controlar a economia, priorizando a satisfação das necessidades humanas e não a produção para os lucros capitalistas.

Essas medidas não podem ser conquistadas se não arrancarmos o poder das mãos da burguesia chilena e estrangeira.

Essas medidas, combinadas com a formação de um Estado operário e popular, podem abrir caminho para a sociedade socialista que defendemos, uma sociedade na qual as necessidades humanas estejam em primeiro lugar, na qual tudo seja controlado de forma democrática pela classe trabalhadora.

[1] “Zonas de sacrifício” são lugares que concentram um grande número de indústrias poluentes, afetando as comunidades mais pobres ou vulneráveis.



CENTRÃO

A festança dos 300 de Lira

Caíram nas redes cenas da festa de comemoração da vitória do líder do centrão e aliado de Bolsonaro, o deputado Arthur Lira (Progressistas-AL), no comando da Câmara dos Deputados. Cerca de 300 pessoas dançavam animadas, todas aglomeradas e sem máscara. Horas antes, Lira fazia um discurso emocionado na Câmara sobre a “mais cruel, devastadora e feroz pandemia do último século”.

A festa ainda teve cenas bastante representativas, como a da ex-deputada Cristiane Brasil, filha de Roberto Jefferson, ambos ex-presidiários, cantando “Malandragem” no karaokê. Até a deputada Joice Hasselmann (PSL-SP), que virou crítica do bolsonarismo, foi lá aproveitar a festa.

Só que mais representativo ainda foi quem pagou isso. A

festa foi realizada na mansão do empresário Marcelo Perboni, numa área nobre de Brasília. Perboni é investigado pelo Ministério Público por fraude e por roubar R\$ 3,8 milhões em créditos de ICMS.

IMPrensa NO SUBSOLO

Tão logo chegou ao comando da Câmara, Arthur Lira tomou uma decisão administrativa bastante curiosa: despejou a imprensa de sua sala na Câmara para instalar seu gabinete no lugar e mandou os jornalistas para uma sala menor no subsolo da Casa, sem copa nem banheiro.

Com a mudança, Lira não vai mais precisar caminhar por um corredor até chegar ao plenário: vai ter acesso direto, evitando qualquer contato com a imprensa.



CORONAFEST - Depois da vitória, Arthur Lira promoveu uma festa para 300 convidados em plena na pandemia.

CARIBE

Haiti em chamas



Os protestos voltaram com força no Haiti e tomaram o país há algumas semanas, colocando em xeque o governo de Jovenel Moïse. O atual presidente do país caribenho devia ter deixado o posto no dia 7 de fevereiro, mas promoveu uma guinada autoritária e repressiva, anunciou que seu mandato vai até fevereiro de 2022 e vem perseguindo a oposição e reprimindo as manifestações. Ele ameaça uma reforma constitucional própria para se consolidar no poder.

Nos dias 6 e 7, organizações sindicais e populares realizaram uma greve geral no país, e os protestos são praticamente diários.

Fantoches dos EUA, Moïse governa por decreto e mandou fechar o parlamento em janeiro. Embora tenha recrudescido nos últimos meses, a repressão contra as mobilizações ocorre há

anos. Relatório do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos relata que, entre 2018 e 2019, 133 pessoas foram assassinadas por forças do governo ou paramilitares.

A instabilidade política reina no Haiti desde o golpe perpetrado pelos Estados Unidos contra o governo de Aristide em 2004. Assim como o movimento de massas, que nunca deixou as ruas, nem com a ocupação militar da ONU comandada pelas tropas brasileiras mandadas pelo então governo Lula, ou o terremoto que destruiu o país em 2010.

A situação social que já era grave ficou mais explosiva ainda com a pandemia. No ano passado, a inflação foi de 25%. Moïse é mais um governo sustentado pelos EUA, pela ONU e pela OEA, que embora denunciem de forma cínica as medidas autoritárias, seguem apoiando o governo.

123 ANOS

Bertolt Brecht e o teatro dialético



RAPHAEL FURTADO,
VITÓRIA (ES)

Em 10 de fevereiro de 1898, há 123 anos, nascia na Alemanha o diretor, dramaturgo, poeta e teórico do teatro Eugene Bertolt Friedrich Brecht, mais conhecido como Bertolt Brecht. Ele desenvolveu uma intensa atividade teatral na Alemanha no período da República de Weimar (1919-1933). Junto com o também alemão Piscator, com quem trabalhou, e o russo Meierhold, desenvolveu o chamado “teatro épico”, uma nova forma de concepção do teatro, voltada para a nova

era da humanidade, com um grande desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Brecht defendia que era necessário um teatro no qual o espectador “não deixasse seu cérebro junto com o chapéu na entrada do teatro”; que, sem abrir mão do caráter de diversão do espetáculo teatral, levasse o espectador a refletir. Ao contrário do chamado “teatro aristotélico”, baseado na catarse, ou seja, em apenas se emocionar, chorar e rir durante o espetáculo, sem tempo para refletir, Brecht (e outros da mesma linha) propunha sempre um processo de reflexão, quebra, distanciamento. Num momento

que deveria ser de grande tensão dramática, de repente um ator interrompe a cena e conversa com a plateia, levando-a a questionar a situação, por exemplo. Brecht fazia questão de lembrar aos espectadores que estavam num teatro, assistindo a uma peça, que aquilo não era real, embora abordasse questões importantes para a realidade.

Não por acaso, uma de suas principais peças foi Vida de Galileu. O brilhante cientista pisa-no é o personagem perfeito para

Brecht desenvolver suas ideias. Galileu representa a ruptura com a tradição aristotélica da ciência. A revolução científica iniciada por Galileu caía como uma luva para a ideia brechtiana de “conhecimento como diversão”. O personagem ainda permitia a Brecht criticar a hipocrisia da Igreja Católica e da burguesia que explorava as grandes navegações. A lamentável e verdadeira cena em que os “doutores da Igreja” se recusam a olhar pela luneta de Galileu e ver as luas de Júpiter porque, afinal,

essas não deveriam existir, é um tapa na cara de todos nós que temos que lidar ainda hoje com o negacionismo científico de uma burguesia genocida.

Com a chegada de Hitler ao poder em 1933, Brecht exilou-se em diversos países da Europa, chegando por fim aos Estados Unidos em 1941. Após a Segunda Guerra Mundial, perseguido pelo macarthismo, voltou para a Europa, instalando-se em Berlim Oriental, onde fundou sua famosa companhia, o Berliner Ensemble.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3JA9VEB](https://bit.ly/3JA9VEB)

SOCIALISTA

A obra e a atuação política de Brecht



Cena da peça A vida de Galileu

Brecht é autor de uma obra extensa e importante, tendo várias de suas peças já sido montadas no Brasil. Algumas de suas peças mais importantes são Baal, a já citada Vida de Galileu, Terror e miséria no terceiro reich, Os fuzis da senhora Carrar, Mãe coragem e seus filhos e A ópera dos três vinténs. Suas peças sempre trazem forte componente de crítica social. Uma vez declarou que foi após

ter lido O Capital, de Karl Marx, que entendeu suas próprias peças. Sem dúvida, Brecht buscava retratar a complexidade do capitalismo da época em sua produção cultural.

Apesar de sua produção cultural fortemente influenciada pelo marxismo, Brecht nunca foi de nenhuma organização nem se filiou ao Partido Comunista. Calou-se frente às purgas stalinistas que vitima-

ram diversos de seus colegas, inclusive Meierhold, acusado por Stalin de “trotskismo”. Brecht chegou a defender a represão do governo da Alemanha Oriental (com o apoio dos tanques soviéticos) a um levante popular naquele país em 1953. No entanto, nunca apoiou o “realismo socialista”, puro ufanismo stalinista, propaganda oficial daquele regime contrarrevolucionário.

GLOSSÁRIO

Macarthismo:

Movimento iniciado pelo senador estadunidense Joseph McCarthy durante a guerra fria, que estimulava uma caça aos comunistas que supostamente conspiravam contra os EUA.

República de Weimar:

Período da história alemã entre os anos de 1919 e 1933, entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a ascensão do partido nazista ao poder, no qual se sucederam governos democráticos.

Ainda que de forma tímida, no fim de sua vida Brecht deixou transparecer alguma crítica ao monstro burocrático em que os estados operários se tornaram. Um exemplo é o pequeno poema “A solução”, no qual mostra outra leitura sobre o levante de 1953: “Depois do levante de 17 de junho/ o secretário da união dos escritores/ distribuiu panfletos na avenida Stalin/ dizendo que o povo tinha perdido a confiança do governo/ e só poderia recuperá-la/ se redobrasse seus esforços./ Não seria mais fácil/

nesse caso, para o governo/ dissolver o povo/ e eleger outro?”

Em 1956, com apenas 58 anos, Brecht sofreu um ataque cardíaco e morreu em Berlim Oriental. Sua obra continua sendo de enorme inspiração para os que sonham e lutam para superar o capitalismo.

SAIBA MAIS



Leia mais
sobre Bertolt
Brecht aqui